

Caro(a) cliente da Foster,

Hoje nós gostaríamos de atualizá-lo(a) através dessa edição da Carta Quinzenal sobre a conjuntura econômica e política mundial.

Ao final do segundo trimestre de 2021 o PIB mundial deverá voltar ao nível em que se encontrava antes do início da pandemia. A atividade econômica global deverá ser puxada pela volta do consumo das famílias nos países desenvolvidos, com destaque para os Estados Unidos, e também por um novo ciclo de investimento na Ásia e em alguns países emergentes.

O nível de renda pessoal das famílias americanas hoje, definida como a soma de todos os salários, dividendos, rendas de aluguéis e transferências recebidas pelo governo norte-americano, está acima do nível pré-Covid. Apesar de 10 milhões de americanos continuarem sem emprego desde fevereiro de 2020, os programas de distribuição de renda nos EUA injetaram na economia um volume de recursos sem precedentes na história econômica, de forma a compensar a perda salarial por conta do desemprego.

Os países asiáticos, liderados pela China, deverão seguir com um programa forte de investimentos, focados em novas tecnologias como o 5G e as energias renováveis. O aumento nos preços das commodities, por sua vez, tradicionalmente proporciona um aumento de renda nos países emergentes, que são os principais exportadores dessas matérias primas para o mundo.

É claro que esse cenário mais róseo para a economia mundial nos próximos doze meses depende totalmente do sucesso nas campanhas de vacinação. Não foi à toa que o presidente americano, Joe Biden, determinou como meta principal vacinar 100 milhões de americanos nos 100 primeiros dias do seu governo. Sem vacinação, não há como voltar a normalidade.

Os desafios logísticos e de produção da matéria prima das vacinas são imensos, sem dúvida. Entretanto trabalhamos como cenário base que a maior parte do mundo desenvolvido e alguns países emergentes conseguirão vacinar uma parcela relevante de suas populações ao longo do primeiro semestre de 2021, principalmente indivíduos nos grupos de riscos, possibilitando uma queda expressiva no número de internações e de óbitos. Esperamos entrar no verão no hemisfério Norte com uma atividade econômica pujante.

Voltando aos Estados Unidos, o segundo foco do governo democrata é a redução da taxa de desemprego que estava em 3,5% antes da pandemia e agora se encontra em 6,3% segundo os dados do departamento de trabalho norte-americano em seu último relatório publicado na sexta-feira (05/02). Os trabalhadores mais afetados são aqueles de baixa renda (até 30 mil dólares de renda anual) e o governo democrata parece comprometido em ajudar essa classe da sociedade.

Um dado estatístico que ajuda a resumir a situação dos trabalhadores norte-americanos: entre 1950 e 2000, apenas 12% das pessoas desempregadas estava sem um emprego há mais de 6 meses. De 2000 até o presente momento, em média, 25% dos americanos sem emprego estão buscando um novo trabalho há mais de 6 meses. Estamos falando de um problema estrutural de desigualdade social, que já dura décadas, mas que foi muito agravado com a pandemia, e cuja seriedade foi atestada pela própria sociedade americana nas últimas eleições.

Diante disso, o Banco Central americano (Fed) deverá permanecer com a taxa básica de juro em zero por cento até o terceiro trimestre de 2023, promovendo uma injeção de liquidez no sistema financeiro mundial que deverá ajudar na performance dos ativos financeiros nas Bolsas ao redor do globo.

Nos discursos dos membros do Fed é cada vez mais notório o foco na redução do desemprego em substituição ao velho e tradicional mandato que o principal Banco Central do mundo tem: produzir uma inflação baixa e estável. Essa mudança, se confirmada ao longo dos próximos anos, tem grandes implicações para os mercados financeiros, embora estejamos ainda no início desse processo.

Seguiremos monitorando novos desdobramentos das políticas econômicas implementadas nos países e mantendo você, nosso(a) cliente, informado(a).

Um grande abraço,

**Equipe Foster**